



Reuter

A ministra Zélia conversa com o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, em Washington

Zélia abre o diálogo

Ministra evita
atitudes rígidas
e anuncia início de
negociação com FMI

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Numa mudança significativa da posição que o governo assumira inicialmente frente aos credores externos, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, evitou fixar uma posição rígida do País em relação à conta de mais de US\$ 5 bilhões de juros pendurada com os bancos e procurou deixar as portas abertas para o entendimento. A ministra anunciou o início das negociações do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI) "na primeira quinzena de junho", quando uma missão da instituição chegará a Brasília. Quanto à retomada dos pagamentos aos bancos privados, que estão suspensos desde o ano passado, ela disse que o governo "só terá condições de decidir como proceder depois que concluir a revisão

do orçamento do governo", que deverá estar concluída até o fim do mês.

"Gostaria de reafirmar o forte desejo do governo brasileiro de negociar com os bancos e esperamos que eles tenham a mesma atitude", disse a ministra. No discurso que fez perante o Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional, ontem, ela não repetiu o repto que lançou à comunidade financeira em sua primeira fala a um foro internacional, no início do mês passado, na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Montreal, quando conclamou os credores "a fazer sacrifícios" equivalentes aos que o Brasil está fazendo para reformar sua economia.

Preferiu enfatizar o desejo do Brasil de "libertar-se do círculo vicioso que caracterizou o manejo do problema da dívida" e declarou o País "pronto a entrar em negociações capazes de gerar soluções duradouras para todas as partes envolvidas".

As declarações da ministra contrastam marcadamente com afirmações que dois altos funcio-

nários do governo fizeram recentemente à imprensa internacional. Elas diferem, no tom, da declaração do presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, ao Wall Street Journal, há duas semanas, avisando que o Brasil seria "muito duro com os credores".

O embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, previu que, embora o programa com o Fundo só venha a ser aprovado em setembro, em julho o programa econômico brasileiro já terá respaldo político suficiente da direção da instituição para iniciar os entendimentos tanto com os bancos como com os credores oficiais, no Clube de Paris. O Brasil tem pagamentos em atraso também com este grupo de credores, embora não tenha interrompido as transferências, como fez com os compromissos de médio e longo prazo da dívida aos bancos.

A atitude pragmática que a ministra indicou ontem ajudará a manter o apoio do governo americano ao programa brasileiro.

□ Mais informações sobre o FMI na página 7.